

**SERVO DE DEUS
IR. ADRIÁN DEL CERRO
SÁNCHEZ, O.H.**

“Quando dás, estás a semear...”



**Dr. Alfonso Muñoz Alcántara
Ir. José Ramón Pérez Acosta, O.H.**

1923 - 2015



**SERVO DE DEUS
IR. ADRIÁN DEL CERRO
SÁNCHEZ, O.H.**

“Quando dás, estás a semear...”

1923 - 2015

UMA PEQUENA ALDEIA DE TOLEDO

Passaram cinco séculos desde que, em Espanha, alguns camponeses de Torrecilla fundaram a pequena e modesta localidade de Retamoso de la Jara, nos arredores de Toledo, junto às margens de dois ribeiros: Retamoso e Piloncillo. Esse lugarejo ficará na história por ser a terra natal de um homem também modesto e humilde, Adrián del Cerro Sánchez, que hoje merece ser venerado por ter vivido colocando o seu coração no coração daquele que lho tinha roubado: São João de Deus.

O lugar que em tempos antigos se chamava Valle de los Trigos passou a chamar-se Retamoso, um diminutivo que remete para *retama* ou *retamar* (giesta, giesteira). Retamoso deixou de ser uma aldeia de Torrecilla de la Jara depois de se tornar autónoma,



Paróquia da Imaculada Conceição, Retamoso de la Jara.

em 1926. Desde 2004, o nome oficial é Retamoso de la Jara.

Adrián del Cerro Sánchez nasceu a 2 de julho de 1923 no seio de uma família humilde e trabalhadora, sendo o quinto de seis irmãos: Braulio, Lourenço, Antónia e Laura; o mais velho, também chamado Adrián, morreu quando ele tinha apenas dois anos de idade. O Ir. Adrián recordava desta maneira as suas origens: *“O meu pai era um agricultor muito modesto e a minha mãe uma costureira. Frequentei o ensino elementar na escola da aldeia, ou seja, fiz a primária na escola pública que existia na minha aldeia, que tinha apenas um professor”.*

“Nasci numa pequena aldeia de Toledo, chamada Retamoso de la Jara, e foi aí que o Senhor me fez sentir a minha vocação depois de eu ter terminado o serviço militar, aos 27 anos. A minha terra era uma pequena aldeia agrícola, onde havia quintas. Trabalhávamos juntos nos campos. Foi aí que cresci e foi aí que se forjou a minha vocação. Havia uma igreja, mas não tinha pároco; confessava-me a um padre que se deslocava a essa aldeia para celebrar a missa”.



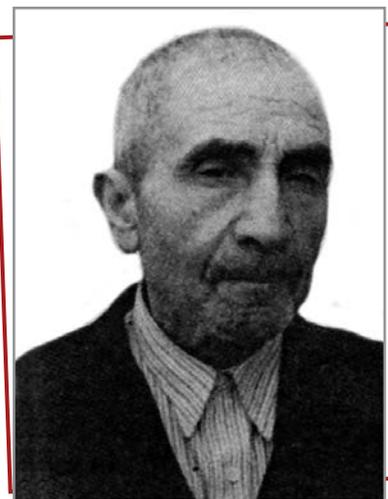
Pia batismal da paróquia onde o Ir. Adrián foi batizado, a 8 de julho de 1923.

BONDADE DOS SEUS PAIS

O pai de Adrián, Dionísio del Cerro, era um camponês de carácter firme e temperado, mas afável, um bom cristão, fiel aos próprios deveres religiosos, que deu aos seus filhos uma boa educação e lhes transmitiu o amor ao Senhor.

Sua mãe, Marina Sánchez, nasceu na aldeia e era alguns anos mais nova do que o pai, mas cedo desapareceu da vida do pequeno Adrián. Os seus pais iam sempre juntos à missa dominical, acompanhando os filhos; faziam também questão que eles rezassem a oração da noite, antes de se deitarem.

Um dia, regressando de uma excursão a uma cidade próxima de Retamoso, os pais de Adrián foram apanhados por um forte temporal. A chuva torrencial e o frio das serras abalaram a saúde do casal, sobretudo a de Marina, que não conseguiu vencer a pneumonia que a levou à morte. Acerca da sua mãe, Adrián escreveu: *“Infelizmente, não me lembro dela; tinha apenas três*

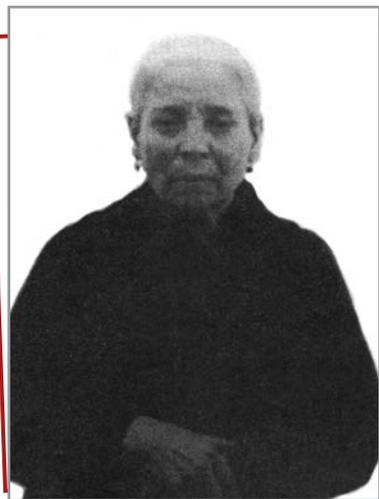


O senhor Dionísio, pai do Ir. Adrián.

anos e meio; mas lembro-me do meu pai, que cuidou de todos nós.” De facto, para Adrián, as recordações da sua mãe eram muito vagas, como figuras de um sonho; era demasiado pequeno para conservar imagens nítidas, mas uma permaneceu sempre com ele: a dor pela morte prematura do seu primeiro filho. E prematura foi também a perda do afeto materno para o menino Adrián, mas ele sentiu sempre que, do céu, a Virgem Maria e a sua mãe o apoiaram e confortaram durante toda a sua vida.

O Ir. Adrián dizia que a sua irmã mais velha, Antónia, e sua prima, Eufémia, foram verdadeiras mães para ele. A bondade e o afeto que a prima lhe dedicava deixaram, sem dúvida, uma marca no carácter de Adrián e dos seus irmãos.

Assim descreve Adrián a sua casa: *“Quando eu era criança, o meu pai renovou-a completamente.*



Eufémia, a prima que foi como uma mãe para Adrián.

Ele era galego. Uma porta de entrada, dois pátios interiores, três ou quatro quartos, e um sótão, que servia de armazém para os cereais e o grão-de-bico da quinta. Tínhamos uma vida simples e tranquila.”

Adrián cresceu rodeado de oliveiras, campos e riachos, imerso na

beleza da natureza. O pai fez questão que ele aprendesse a ler e a escrever, de modo que, aos seis anos de idade, pôde frequentar as aulas de um seu vizinho de casa, com as outras crianças da aldeia, numa pequena sala. Assim descreve Adrián o seu pai: *“O meu pai rezava muito. Aprendi uma oração que ele me ensinou e que nunca esqueci. O meu pai gostava muito de ir à missa. Para nós, crianças, era um verdadeiro exemplo de fé. Lembro-me de ver um dos seus livros de orações com as páginas delidas. Sendo viúvo, dedicava mais tempo aos filhos e gostava de cozinhar. A sua presença contribuiu muito para a minha vocação. Morreu com 92 anos de idade.”*

A vida de Adrián decorria com tranquilidade, sem acontecimentos dignos de registo. À medida que crescia, preocupava-se em ajudar o pai nos trabalhos agrícolas, alternando a labuta no campo com as atividades escolares, sobretudo nos períodos do ano em que o trabalho agrícola se tornava mais intenso e marcava o ciclo da existência: as sementeiras, a apanha da azeitona e a vindima. No verão, a agricultura exigia muito esforço; era necessário cuidar do rebanho e, durante



Antónia, a irmã mais velha.

a ceifa, estender a palha para a debulha e separar o grão. Por vezes, durante estas atividades não sobrava tempo para Adrián ir à Santa Missa, à qual ele nunca queria faltar, e isso causava-lhe um grande desgosto.

No entanto, não renunciava a momentos de folguedo com os seus amigos, participando em festas e bailes que se organizavam na praça da aldeia, ao som do acordeão.

Assim recordava a sua infância: *“Tinha cerca de quinze anos e partilhava tudo com os outros rapazes; éramos traquinas e íamos para as aldeias mais próximas brincar uns com os outros; divertíamos-nos. Era uma vida tranquila e serena, sem vícios e com coisas boas”*.

Gostava de cantar e cantava muito bem. Conhecia as canções de Pepe Blanco, muito populares na

altura, e cantarlava sempre *“Mi jaca, galopa y corta el viento...”*.

Um testemunho recente de Prudêncio Juarez, vizinho da família Sanchez, uns onze anos mais novo, conta que, aos sábados à tarde, Adrián participava em encontros de formação so-



Braulio e Lorenzo, irmãos de Adrián

bre a Bíblia e, apesar de não haver grandes pretensões, ia de bom grado e aprendia.

Num pequeno pomar em Retamoso de la Jara, aos domingos, Adrián e Prudêncio sentavam-se à sombra de uma figueira para lerem juntos a Bíblia e Adrián manifestava muito interesse nisso. Ao lerem uma passagem que fala da pena de morte para os inimigos, o jovem, visivelmente perturbado com esse trecho, comentou: *“Se Deus é Amor, isto não pode acontecer”*.



O menino Adrián, à direita, quando tinha 5 anos de idade, com a sua irmã Laura, o irmão Braulio e um primo.

UMA ESPANHA EM MUDANÇA

Nos anos trinta do século XX, a Guerra Civil Espanhola mergulhou todo o país na escuridão, embora quase não tenha tocado a região de Retamoso. Adrián continuava a levar uma vida normal, longe dos horrores da guerra, mas o seu irmão mais velho ficou ferido por uma bala que o atingiu na frente de combate: embora recuperado desse ferimento, algumas sequelas perduraram.

Aos 21 anos, também o jovem Adrián foi convocado para o serviço militar, pois os deveres de cidadão assim o exigiam, e alistou-se em Móstoles, em março de 1944, para cumprir o período de formação. Mais tarde, foi transferido para o quartel Autier de Madrid, embora nunca tenha conduzido um veículo, pois nunca foi enviado para a frente de batalha.



Adrián, aos 21 anos, durante o serviço militar em Móstoles (Madrid).

Recordará da seguinte forma esse tempo: *“Em Móstoles, uma pequena localidade do interior de Madrid, não*

fazia nada de especial. Os anos passavam e pensava em tornar-me carpinteiro, como um amigo meu; mas fiz o serviço militar normal, nada mais!”

Depois de dois anos na tropa, regressou à sua aldeia e retomou o trabalho quotidiano: campos, gado, amigos, e até mesmo amizades saudáveis com algumas moças, entre as quais Ovídia; mas, dia após dia, algo de novo se ia formando no seu coração. Quanto mais o tempo passava, mais ele sentia a necessidade de orientar a sua vida de forma diferente do casamento tradicional; era evidente que se tornava cada vez mais clara a ideia de uma vocação religiosa. Sentia a necessidade de consagrar a sua vida a Deus.

Tinha 27 anos quando decidiu falar com o pároco da aldeia e confidenciar-lhe esse grande desejo: *“Quero consagrar a minha vida a Deus, para servir o próximo”*.

O sacerdote fez-lhe algumas perguntas: *“Queres ser padre diocesano? Queres tornar-te frade? Conheces alguma congregação religiosa? Conheces os Irmãos de São João de Deus?”*

Vendo que não tinha uma decisão formada sobre qualquer das opções, o sacerdote disse-lhe: *“Bem, vou escrever ao Prior dos Irmãos Hospitaleiros de Ciempozuelos, para ver o que ele nos diz”*. A carta foi escrita no final do verão de 1950.

Naqueles anos, os Irmãos Hospitaleiros recebiam muitos pedidos de aspirantes a entrar na Ordem, muitos deles sem uma base sólida, pelo que era habitual eles esperarem que o pedido se repetisse com mais convicção e perseverança.

ENTRADA NO POSTULANTADO

O historiador e escritor de Jerez António Mariscal Trujillo, autor de um livrinho cativante, intitulado *“Hermano Adrián, el Limosnero de Dios”* (fundamental para esta síntese biográfica), refere que não sabe o que o sacerdote de Retamoso de la Jara relatou ao Prior de Ciempozuelos, mas o facto é que logo recebeu a aprovação do Superior. A 17 de outubro de 1950, acompanhado por esse sacerdote, Adrián partiu para iniciar a vida religiosa na Ordem Hospitaleira, no Aspirantado de Ciempozuelos, decidido a dedicar a sua vida ao serviço de Deus e do próximo e, como São João de Deus, fazer “tudo por amor de Deus”.

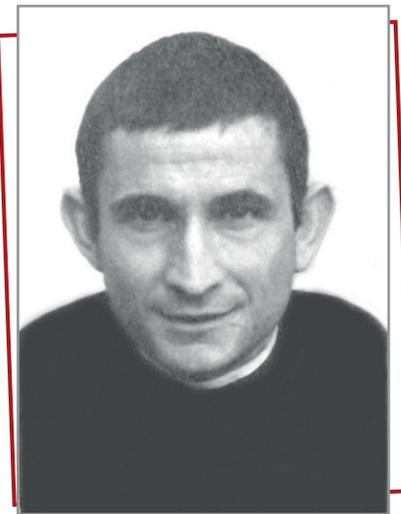
“A escolha vocacional foi para mim uma dura prova quando iniciei a minha caminhada em Ciempozuelos, um hospital psiquiátrico com mais de mil doentes. A resposta vocacional custou-me muito, sobretudo por me separar da minha família, que eu tanto amava”.

Durante um ano e meio permaneceu em Ciempozuelos para seguir a sua formação, desempenhando várias funções na assistência aos doentes que ali eram assistidos; tratava-se de pessoas com doenças mentais graves que exigiam o exercício da virtude da paciência, capacidade de trabalho, sacrifício e abnegação. *“Nas secções para doentes mentais tínhamos de vigiar, limpar, fazer as camas e estávamos sempre ocupados a trabalhar e a fazer o bem: uma experiência muito cansativa. Tínhamos um horário rígido, de modo que devíamos seguir um ritmo de*

trabalho constante e exigente. O trabalho era muito, o cansaço fazia-se sentir, mas eu estava determinado a tornar-me Irmão de S. João de Deus e a atingir esse objetivo, confiando em Deus, na oração e no que fosse necessário”.

Um dia, perguntaram-lhe se alguma vez tinha pensado em desistir e deitar a toalha ao chão. Respondeu: *“Tentações, sim. Por vezes, vivíamos situações mais difíceis, mas eu ia ter com o sacerdote. Havia um religioso sacerdote que pertencia à Ordem e, depois do encontro com ele, ficava novamente sereno e feliz: ele tinha uma doçura especial para me encorajar”.*

A 25 de abril de 1952, Adrián fez a profissão temporária dos votos de pobreza, castidade, obediência e hospitalidade. Este último voto, o da hospitalidade, obriga os Irmãos de São João de Deus a assistir os doentes em todos os momentos, mesmo pondo em risco a própria vida. Daí o heroísmo de uma existência inteira dedicada à caridade. Este voto levou muitos religiosos a tornarem-se mártires da misericórdia.



O Ir. Adrián, com 28 anos de idade, noviço (1951).

Pouco depois da sua profissão, foi-lhe comunicado que seria destinado à Casa de Jerez de la Frontera, destino que Adrián aceitou de bom grado, como sempre aceitou qualquer ordem de um seu Superior, cumprindo à risca os votos professados.

O hospital de Jerez, a funcionar desde o século XVII, atravessou um período histórico muito difícil entre 1833 e 1851, aquando da expulsão dos religiosos e da expropriação dos seus bens com o objetivo de recolher fundos para aliviar a dívida pública do país e alargar a base social do liberalismo. No final do século XIX, durante a restauração da Ordem em Espanha, por São Bento Menni, um Irmão e sacerdote italiano que fundou a Congregação das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, os Irmãos puderam recuperar esta sua obra.

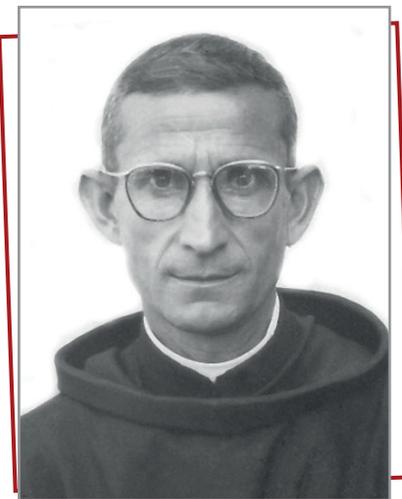
Mais tarde, uma ilustre senhora de Jerez, Micaela de Paradas, doou aos Irmãos de S. João de Deus uma propriedade nos arredores da cidade, chamada Bellavista, na qual seriam lançados os alicerces do Sanatório de Santa Rosalía, assim designado por desejo expresso da benfeitora, cuja mãe tinha esse nome. Essa nova estrutura seria destinada à assistência e tratamento de crianças que sofriam de duas doenças terríveis naquela época: a poliomielite e a tuberculose óssea, acarretando ambas para os doentes consequências graves e sequelas marcantes.

CHEGADA A JEREZ DE LA FRONTERA

O Ir. Adrián chegou à estação ferroviária de Jerez na noite de 15 de setembro de 1952 e, acompanhado por um outro Irmão, seguiu diretamente para o Sanatório.

Escreveu o Ir. Adrián: *“Cheguei a Jerez três meses depois da profissão e fiquei lá cerca de seis anos, desde 1952 até 1958. Havia muitas crianças paralíticas, muito queridas pelas pessoas; era um trabalho muito diferente do de Ciempozuelos. A vida era mais suportável. Era diferente prestar assistência a doentes mentais e cuidar de crianças. A nova experiência não se podia comparar com a de Ciempozuelos. Jerez era uma cidade muito pobre.”*

Durante anos, o Sanatório de Santa Rosalía esteve na vanguarda, sendo uma estrutura de referência e motivo de orgulho no âmbito do tratamento integral de milhares de crianças de toda a Espanha e Marrocos. Tratava-se de crianças que sofriam de po-



O Ir. Adrián, com 31 anos de idade, depois da profissão (1954).

liomielite, com as suas sequelas, e de outras doenças ósseas, principalmente a tuberculose, que dificultavam notavelmente o futuro das pessoas que adoeciam. O Sanatório ocupava-se também das necessidades educativas e laborais das crianças assistidas.

Para prestar assistência às crianças necessitadas, especialmente das que sofriam de poliomielite e tuberculose, havia uma magnífica equipa de médicos que exerciam as suas competências de maneira generosa e gratuita. Entre eles, distinguiu-se o Dr. Girón Segura, eminente especialista em traumatologia, que todos os anos curou de forma desinteressada centenas de crianças.

Para levar a cabo este projeto de tratamento havia duas condições fundamentais a ter em conta:

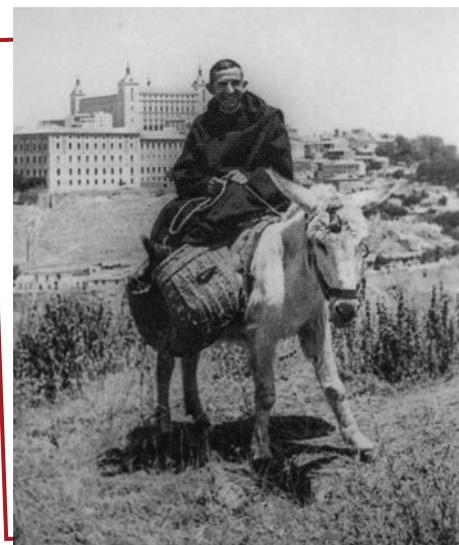


O Servo de Deus com alguns jovens doentes do Sanatório Santa Rosalía, em Jerez de la Frontera (1956).

por um lado, o aspeto médico-cirúrgico e, por outro, o económico. Como apoiar este trabalho numa altura em que não existiam financiamentos institucionais? É aqui que entram em jogo a missão e a paixão do Ir. Adrián.

Ao chegar a Jerez, o Superior do Centro confiou-lhe a árdua tarefa de exercer o cargo de “Esmoleiro”, ou seja, a difícil missão de angariar fundos para poder ajudar e garantir a melhor assistência possível às crianças que recorriam aos religiosos para receberem tratamentos adequados. Apesar das dificuldades inerentes a esse delicado ofício, o Ir. Adrián foi encorajado pela sua comunidade, que o apoiou com força e determinação.

O Ir. Adrián começou a percorrer os caminhos e bairros de Jerez, tanto aqueles onde vivia gente rica



O Servo de Deus, montado num burro, a caminho de Alcázar de Toledo (1962).

como as zonas cujos moradores eram pobres: indo de porta em porta, a todos pedia a ajuda que pudessem dar; aos que podiam, propunha que contribuíssem de forma regular, por subscrição; aos outros, pedia a sua esmola ocasional. A intenção, porém, era a mesma: garantir o melhor funcionamento do Sanatório.

Empresas, adegas, barracas, em breve todos se acostumaram à presença regular e pontual do pequeno frade Adrián, que aparecia segurando uma bolsa preta debaixo do braço para recolher o que estava combinado e, claro, para tentar angariar novos benfeitores.

O Ir. Adrián percorria todos os caminhos de Jerez, visitando quintas, granjas e herdades: fizesse calor ou estivesse frio, soprasse o vento ou debaixo de chuva, todos os dias do ano eram bons para alegrar a vida das crianças do Sanatório. O religioso não se importava que os donativos fossem em géneros: trigo, milho, grão-de-bico..., tudo servia para apoiar a obra empreendida, que não abrangia só as necessidades do hospital, mas servia também para sustentar muitas famílias que a ele recorriam, sabendo que tudo seria feito para aliviar a sua pobreza.

Quando lhe perguntaram se, ao andar de porta em porta, de empresa em empresa, alguma vez tinha tido experiências negativas, respondeu: *“Tenho experimentado de tudo, mas esqueço as experiências negativas. Não lhes dou grande importância. Faço o que posso e aceito o que me dão, mas procuro voltar sempre de novo. Tenho esperança e consigo sempre. Tento não dar ouvidos ao que as pessoas me dizem de menos agradável, ou ao que me possam dizer, porque quando se pede por Deus e pelos outros, tudo está bem.”*

O HORIZONTE DE ÁFRICA

Com o passar dos anos, o Ir. Adrián continuou a calcorrear terras e a visitar quintas, indo mesmo até aos lugares mais remotos e, acompanhado pelo Ir. José Miguel Valdés, com quem partilhava a fraternidade de vida, dirigia-se a todas as vilas e aldeias, conduzindo uma velha carrinha com tração às quatro rodas. Um dia, o Ir. José Miguel sugeriu-lhe: *“Em vez de andarmos tantos quilómetros para arranjar alguns sacos de cereais, de os levarmos ao grémio para serem entregues e pesados, por que não pedes aos teus amigos que deem um contributo financeiro regular?”*

No início, ele hesitou em abandonar os velhos hábitos, mas depressa reconheceu que era uma boa ideia, muito bem aceite também pelos seus benfeitores. A esmola tinha-se “modernizado” e este novo sistema de angariação de fundos contribuiu para o aumento das contribuições, tanto em número como em valor.

Em 2006, o Ir. Adrián aceitou ser entrevistado pelo canal *Onda Jerez Televisión*, e respondeu com simplicidade às perguntas que lhe foram feitas, entre as quais, as seguintes.

O que significa para si ser bom? *“Ser bom... significa ter sensibilidade. Fazer o bem, mas sem julgar que somos bons. Ter a certeza de que podemos ser melhores. Se julgarmos que somos bons, temos de nos convencer que há outros melhores. Mais do que pen-*

sar que podemos ensinar alguma coisa aos outros, é preciso aprender muito com os outros. Se eu julgar que sou bom, há sempre alguém melhor do que eu. E eu aprendo!”

O que é que aprendeu em Jerez de la Frontera? *“Aprendi a viver pedindo para os outros, e aprendi a agradecer. Isso estimula-me muito na oração. Não se pede para si próprio, mas para a Obra de São João de Deus. Tenho a possibilidade de ajudar pessoas doentes que estão acamadas. Ofereço-me para prestar os pequenos cuidados de que eles mais necessitam. A limpeza do hospital, desde as primeiras horas da manhã, é muito apreciada. Tudo contribui para a sua saúde”.*

Onde é que vai buscar a força interior que deixa transparecer? *“Não sou eu que tenho a força, é Deus que ma dá. É a graça de Deus que atua em mim”.*

A sua missão de ajudar os pobres levou-o muitas vezes a Ceuta e Melilla. Costumava fazer essas



O Ir. Adrián entrevistado no Canal Sur TV (2006).

viagens na companhia de alguns Irmãos e, sempre com o intuito de gastar o mínimo possível consigo mesmo, procurava a hospitalidade de alguns conventos locais.

Deslocava-se a ambas essas cidades em busca de benfeitores que colaborassem com a obra empreendida pelos religiosos de Jerez e quase sempre trazia de volta pedidos de famílias, tanto cristãs como muçulmanas, que solicitavam para os seus filhos que sofriam de poliomielite os serviços de assistência da Casa dos Irmãos de S. João de Deus. Adrián não deixava nenhum pedido sem resposta; mesmo sendo comedido a pedir favores, não abandonava ninguém à sua sorte, razão pela qual Ceuta e Melilla apreciavam muito a sua presença e o recompensavam com generosos donativos.

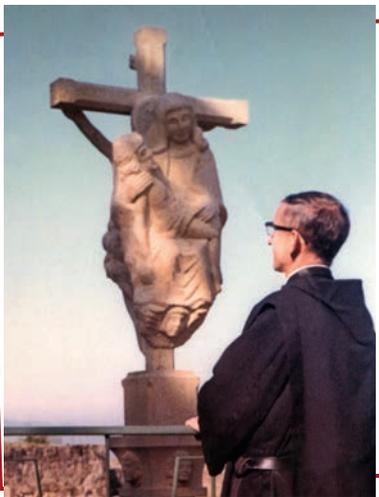


Profissão solene, aos 32 anos, em Jerez de la Frontera (1955).

PROFISSÃO SOLENE

A 26 de abril de 1955, em Ciempozuelos, o Ir. Adrián fez a profissão solene como religioso de São João de Deus. Nos anos seguintes, recordava sempre esta data como uma das mais felizes e significativas da sua vida.

Em outubro de 1958, recebeu do Superior Provincial a notícia da sua transferência para a Residência de Nuestra Señora de la Paz, em Madrid, dedicada ao tratamento de doenças mentais. É claro que Adrián se sentia muito bem em Jerez e estava satisfeito com o trabalho que ali desenvolvia, mas o voto de obediência levou-o a aceitar com prazer e absoluta confiança em Deus a sua nova missão.



O Ir. Adrián diante do crucifixo, em oração.

Em dezembro de 1959 foi transferido para Ciempozuelos, para assumir o cargo de Vice-superior e, depois do Capítulo Provincial de 1962, voltou novamente para Jerez, de onde nunca mais sairia.

DE NOVO EM JEREZ, PARA SEMPRE

Quando o Superior lhe perguntou para onde é que ele gostaria de ir, a resposta surgiu de imediato, sem hesitar: *"Para Jerez, se possível!"* Regressou alegremente a esta cidade, ao seu Sanatório, para junto das suas crianças, levando a sua bolsa preta debaixo do braço, pronto a retomar a missão a que tinha dedicado tantas energias. Aqui, o Senhor abriu-lhe um novo caminho para mostrar aos incrédulos como a dedicação aos mais necessitados enche os corações



O jovem Esmoleiro exercendo o seu ofício pelas ruas de Jerez de la Frontera.

de um amor sem limites e manifesta a obra providencial de Deus.

Muitas vezes, os habitantes de Jerez, que conheciam bem a missão do Ir. Adrián, quando se cruzavam com ele nas ruas paravam e ofereciam-se para o acompanhar de carro aonde ele quisesse ir, mesmo que tivessem de desviar do percurso que seguiam. Para cumprir o voto de pobreza, procurava poupar dinheiro, não utilizando os transportes públicos.

Com o passar do tempo, os religiosos compraram um novo veículo, modesto, uma outra carrinha que lhes permitia alargar o raio de ação. No exercício da sua missão, o Ir. Adrián ia sempre acompanhado por dois fiéis Colaboradores do Centro: o seu bom amigo Julián, que sofria de graves sequelas da poliomielite, e o querido Juan Leal. Certamente, o Senhor deve tê-los recompensado por essas intermináveis



O Ir. Adrián entretém-se com algumas crianças numa sala de internamento do hospital.

viagens a angariar fundos, cujo objetivo era tornar mais digna e serena a vida das muitas crianças assistidas no Sanatório.

Em Ceuta, a chegada do Ir. Adrián era um grande acontecimento. Não se limitava a visitar nas suas casas os seus potenciais benfeitores, mas organizava também eventos para receber donativos. Trazia sempre consigo o seu querido “acólito de pedra”, que mais não era senão a estatueta de uma criança vestida de acólito, trazendo consigo um mealheiro. As viagens a Ceuta e Melilla também se tornaram frutuosas graças à herança deixada por uma senhora marroquina que conhecia a obra dos Irmãos de S. João de Deus.

Durante a sua permanência, era hóspede dos Irmãos das Escolas Cristãs, os Lassalistas ou Lassalianos.

Em 1963, foi lançada em Espanha uma campanha de vacinação geral contra a poliomielite que, anos mais tarde, conduziria à erradicação desta terrível doença. Além disso, os progressos da farmacologia permitiram controlar a tuberculose, mesmo sem a ter completamente erradicado, e todas estas circunstâncias permitiram aos religiosos encarar os novos desafios do futuro.

É verdade que a poliomielite e a tuberculose tinham quase desaparecido, mas um pequeno grupo de crianças permanecia no Sanatório, sobretudo para continuar a receber tratamentos e completar a sua formação escolar, e também para tratar as sequelas da doença, ainda evidentes.

PROCURADO PELOS POBRES

O Ir. João de Deus Orquín conta que o Ir. Adrián viveu intensamente o espírito de busca de São João de Deus, na convicção de que ajudar os pobres era ajudar-se a si mesmo. E, neste trabalho, de uma forma tão real que feria o coração, tinha descoberto o sofrimento que resultava da pobreza, não só nas crianças assistidas no Sanatório, mas em muitas lares onde a falta de recursos necessários à sobrevivência significava miséria absoluta. Por isso, todos os dias saía de casa com um novo impulso, disposto a enfrentar a dor alheia e a fazer-se acompanhar por algum benfeitor, para que ele pudesse constatar pessoalmente a extrema indigência de que padeciam aquelas pessoas.



O Servo de Deus prestando assistência a uma criança durante o almoço.

No encontro cotidiano com a “pobreza”, o Servo de Deus estava sempre lá, pronto a responder aos seus pedidos. Com o dinheiro que recolhia, pagava as faturas da luz e da água, dos medicamentos que muitas famílias não podiam pagar, a renda de casa e qualquer outra necessidade a que pudesse pôr remédio.

Às sextas-feiras, distribuía alimentos por toda a gente: azeite, grão-de-bico, arroz e tudo o que recebia dos seus benfeitores.

O afluxo de pessoas que pediam a sua ajuda era tal que, para não interferir demasiado na vida do Sanatório, a distribuição concentrava-se às sextas-feiras, embora, quando as necessidades eram prementes, as pessoas recorressem a ele em qualquer momento e a qualquer hora, sabendo que não seriam mandadas embora de mãos a abanar.

Em 1972, foi celebrado a primeira convenção com o Serviço Nacional de Saúde Pública que reconheceu a atividade assistencial desenvolvida pelos Irmãos. Em Jerez, o trabalho da Ordem era realizado num centro de saúde moderno, com o nome de São João Grande. O hospital trabalhou arduamente para ajudar a eliminar as intermináveis listas de espera para cirurgias em diversas patologias que o Serviço Nacional de Saúde lhe encaminhava.

Em 1975, foi dado um novo passo com a abertura de um serviço pediátrico, médico e cirúrgico, com capacidade para sessenta crianças, acompanhadas pelas suas mães.

A evolução dos serviços clínicos em pediatria, exigindo internamentos cada vez mais curtos, deslocou a atenção para os idosos, sobretudo no do-

mínio da medicina interna. O Ir. Adrián estava sempre atento a quem vivia em maior solidão, aos que precisavam de ajuda para se alimentarem, para se levantarem ou para qualquer outra necessidade. Depois de um longo dia a mendigar, voltava ao hospital e vestia a bata branca para se dedicar aos doentes que mais precisavam de ajuda.

ESTUDOS DE ENFERMAGEM

Para ter habilitação profissional, o religioso retomou os estudos na Escola de Enfermagem de Ciempozuelos. Começava então outro momento importante da sua vida de religioso hospitaleiro. Depois de obter a habilitação profissional, não abandonou



O Ir. Adrián no Serviço de Reabilitação do Sanatório Santa Rosalía (1962).

o seu primeiro compromisso de esmoleiro, permanecendo próximo dos pobres e das famílias em dificuldade, encarregando-se sempre de pagar as suas contas mensais, fornecer medicamentos, procurar a assistência necessária para as crianças e muitas outras coisas de que elas necessitavam. Nunca deixou de ajudar os pobres e as famílias necessitadas. A caridade era a sua ideia fixa.

Na primavera de 1992, o Sanatório tinha terminado uma importantíssima reestruturação que culminou com a inauguração do atual Hospital São João Grande, dotado de instalações hospitalares modernas, com novas salas de operações, ambulatórios, unidades de reabilitação e radiologia.

A primeira pedra foi benzida pelo Bispo da diocese de Asidonia-Jerez, Mons. Rafael Bellido Caro, na presença do Ir. Brian O'Donnell, Superior Geral da Ordem, e do Superior provincial, Ir. Julián Sánchez Bravo.

Entretanto, concretizou-se o antigo projeto de reestruturar a parte antiga do hospital, criando a nova "Residência



O Ir. Adrián no pátio do Hospital de Jerez de la Frontera.

Geriátrica”, na qual seriam assistidas com carinho e amor pessoas idosas.

Esta Residência foi inaugurada em 2001, na presença do Superior Geral da Ordem, Ir. Pascual Piles Ferrando, e do Superior provincial, Ir. José Ramón Pérez Acosta.

Não é difícil imaginar quem era o primeiro a levantar-se e o último a deitar-se: era ele, o Ir. Adrián. Com a sua bata branca, incansável no meio de tantos idosos, ajudava-os a alimentar-se, empurrava cadeiras de rodas e prestava-se para realizar qualquer tipo de serviço. Nunca se deitava antes de visitar os doentes e fazer um controlo geral da casa, apagando as luzes que estivessem inutilmente ligadas, fechando as portas mal fechadas ou corrigindo qualquer outra anomalia que encontrasse.

A propósito de poupar no consumo de energia, consta que também costumava desligar as luzes de presença (ultravioleta), que deviam estar constantemente ligadas, incluindo a da porta de acesso aos blocos operatórios. O mesmo fazia com as torneiras de água, sempre com a intenção de não desperdiçar nada.

Mas é curioso que, na época, o Superior, Ir. João de Deus Orquín, ordenou-lhe que não apagasse essas luzes e, dado que ele obedecia sempre, teve a ideia de desapertar algumas lâmpadas que considerava supérfluas: assim, cumprindo a ordem de não apagar as luzes, por obediência, não deixava de poupar energia.

A sua devoção a Nossa Senhora era tal que, no dia da Imaculada Conceição ou nas outras grandes

festas e solenidades marianas, não conseguia conter o entusiasmo e transmitia-o às pessoas, no início da Eucaristia, exortando-as a refletir sobre o significado da festa e as virtudes da Mãe do Senhor.

Além disso, durante a visita às várias caves de vinho onde tinha a maior parte dos seus benfeitores, pediam-lhe por vezes que subisse para cima de uma pipa e, de lá, contasse aos presentes a sua experiência de esmoleiro e episódios da sua vida quotidiana. E aqueles que por vezes se ofereciam para o acompanhar faziam-no por amizade e pelo prazer de conversar com ele e de receber os seus conselhos. Pela sua maneira de ser e de estar, pela sua prudência e discrição, todos o consideravam um santo.

PERGUNTAS E RESPOSTAS COM ENCORAJAMENTO

O seu amigo jornalista Manuel Liaño, que o entrevistou em 1986, escreveu a seu respeito: *“Temos muita estima e admiração por ele, porque todos gostaríamos de ser como o bendito Frei Adrián, um homem de Deus que conquistou completamente o coração do povo de Jerez, tanto das pessoas da nobreza como da gente simples, pela limpidez do seu olhar, pela candura da sua alma, pelo imenso trabalho que realizou em prol dos necessitados. Não se pode imaginar a grandeza e a humanidade que se escondiam na pessoa frágil desse castelhano, porque víamos nele um «trotador» de batina preta, um verdadeiro atleta de Deus, em que se reconhecia um possível santo”*.

A verdade é que sempre houve um sentimento geral de que se tratava de uma pessoa muito especial, um enviado de Deus que se comprazia em ajudar os mais pobres.

Transcrevemos mais algumas passagens da entrevista concedida pelo Ir. Adrián, porque nos dizem algo mais, e importante, a respeito dele.

Como é o seu dia de trabalho? *“Normalmente, levanto-me às seis da manhã e deito-me depois das onze da noite. Não recebo pelas horas extraordinárias: Deus e os homens já me «pagam» abundantemente.”*

Tem algum passatempo, ou defeitos? *“Gosto de touradas. Rio-me muito com Tip y Coll. Gosto das canções de Valderrama e Pepe Blanco. Não conheço os músicos de hoje, porque não tenho tempo. Também gosto muito de ler.”*

Para o seu trabalho, ofereceram-lhe uma motorizada? *“Sim, uma mota, mas foi destinada a outros serviços do Hospital: para andar, eu confio mais nas minhas pernas.”*

Não gostou dessa prenda? *“Sim, mas um dia, ao experimentar a andar nela, caí. Por isso, prefiro andar a pé. Os meus amigos de Jerez acompanham-me de carro, sempre que preciso.”*

Nunca se sacrificou “por amor de Deus”? *“Muitas vezes. É esse o sentido da Cruz e a razão de ser do religioso.”*

Nunca teve vergonha de pedir esmola? *“Não tenho vergonha de pedir, não. Mas foi-me muito difícil vencer a timidez.”*

Gostaria de ter feito algo diferente, em vez de se tornar frade esmoleiro? *“Sinto-me muito bem a fazer o que faço, porque penso que é isso que Deus me pede que faça. Se deixar de mendigar, deixo de fazer muito bem aos pobres. Dou graças a Deus por ter cumprido esta missão com facilidade e porque aprendi muito com as pessoas de Jerez.”*

JOÃO GRANDE, SANTO

O ano de 1996 foi um ano importante para a Igreja, para Jerez de la Frontera e para os Irmãos de São João de Deus. Por ocasião da canonização de São João Grande, o Ir. Adrián del Cerro foi a Roma, juntamente com outros Irmãos e a Delegação de cidadãos de Jerez, acompanhados pelo seu estimado Bispo, Mons. Rafael Bellido.



O Ir. Adrián em Roma, por ocasião da canonização de São João Grande (1996).

Nessa ocasião, o Papa João Paulo II concedeu uma audiência especial aos religiosos de São João de Deus e o Ir. Adrián estava lá presente, com o seu lenço verde ao pescoço, a sua simpatia transbordante e o seu enorme afeto e respeito pelo Vigário de Cristo, com quem se deteve a falar durante alguns momentos. Transbordando de felicidade e alegria, o Ir. Adrián aproximou-se do Sumo Pontífice, apertou-lhe as mãos e disse-lhe: *“Santo Padre, a Igreja, a Ordem Hospitaleira e Jerez estão com o Papa”*. E o Papa, recuperado da agradável surpresa da presença e da enorme simpatia do Ir. Adrián, respondeu com uma bênção que muito impressionou o fiel seguidor de São João de Deus. Segurar nas suas as mãos daquele que hoje é São João Paulo II foi para o Ir. Adrián a maior e mais bela sensação da sua vida. Muitas vezes recordaria esse momento, em Jerez, e sentia ainda mais forte a sua vocação de dedicação a Deus, à Igreja e aos pobres.

Alguns anos mais tarde, os religiosos de Jerez abriram o Centro Geriátrico, estendendo o seu serviço aos mais necessitados. E a figura do Ir. Adrián continuou a destacar-se pela sua postura humilde e pela sua total disponibilidade. O Dr. Jaén Esquivel dedicou ao Ir. Adrián os seguintes belíssimos versos, que intitulou:

“Um hábito e os seus sapatos: ... e nada mais quer”

Um hábito e os seus sapatos
para poder andar.

Pedir para os outros.

Que belo exemplo de humildade!

Um sorriso franco no rosto
e uma chama nos olhos
que arde de amor
onde quer que vá.
E não quer mais do que
um hábito e uns sapatos
para poder andar.
Para dar a quem nada tem
e pedir a quem tem mais.
Pequeno e frágil, exteriormente;
por dentro, um verdadeiro vulcão
de caridade e de doçura.
Assim é o Irmão Adrián
Que nada mais quer
senão um hábito e os seus sapatos
para alcançar a Glória”

Durante a celebração das Bodas de Ouro de profissão religiosa, depois da homilia, o Bispo diocesano, Mons. Juan del Río Martín, falou da simplicidade do Ir. Adrián e do bem que ele fazia a todos, ricos e pobres, através da sua constante dedicação aos outros: *“Adrián: Jerez agradece-te pelo teu comportamento exemplar”*.

BODAS DE OURO DE PROFISSÃO

De facto, em 2002, o Irmão Adrián celebrou cinquenta anos de profissão religiosa, em Jerez, e considerou esse dia um dos mais felizes da sua vida. O seu amor ao próximo não conhecia limites e a sua

dedicação era levada ao extremo. O único limite que impunha a si próprio era a obediência ao seu Superior, que o obrigava a arranjar tempo para descansar, o que para ele parecia um desperdício. Em 2003, recebeu uma homenagem de gratidão de toda a cidade de Jerez, cuja “Municipal Corporação” lhe atribuiu a Medalha de Ouro da Cidade. A cerimónia de entrega do prémio foi inesquecível. Uma rua da vizinha *Barriada de San Juan de Dios* recebeu o seu nome, passando a chamar-se “*Avenida Hermano Adrián*”. Nos dias que se seguiram ao acontecimento, a imprensa foi pródiga em elogios ao Irmão Adrián: “*Parece um rapazinho, tanto pelo seu caminhar a passos largos como pelo seu constante ir e vir, sempre a*



Bodas de Ouro de profissão religiosa, no Santuário de São João Grande (2002).

ajudar os outros!...; “Uma das pessoas mais queridas e admiradas de Jerez...; Um «santo itinerante», como repito muitas vezes, pois isso é a verdade; Um bendito por Deus, um trabalhador incansável, que está sempre ao lado de quem precisa de alguma coisa”.

Um vizinho de casa, com a perspicácia característica do povo da abençoada Andaluzia, exclamou: “*Ora bem: o pequeno Irmão Adrián tirou muita gente da fome!*”

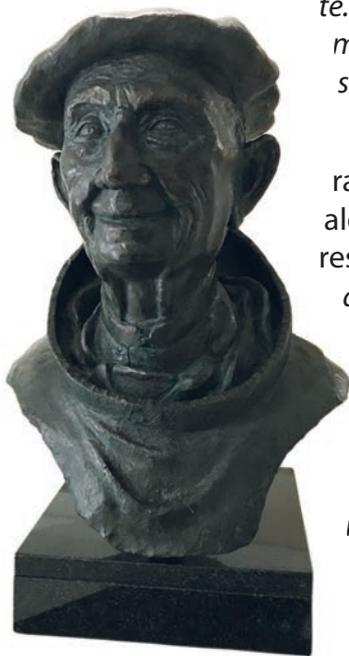
A sua figura, pequena e vivaz, suscitava grande admiração, um seu olhar escancarava portas e corações. Era muito difícil, para não dizer impossível, dizer que “*não*” ao Irmão Adrián; uns davam muito, outros pouco, ou o que podiam, mas sempre se encontrava gente disposta a dar-lhe uma esmola em favor dos mais vulneráveis.



Entrega da Medalha de Ouro da Cidade de Jerez de la Frontera (2003).

O ECO DOS SEUS 50 ANOS DE PROFISSÃO

Os meios de comunicação social fizeram eco do acontecimento das Bodas de Ouro de profissão religiosa do Ir. Adrián e insistiram na sua reputação de personalidade mediática. No entanto, ele declarava: *“Não mereço o que dizem de mim. Sou apenas um frade normal, um frade como muitos outros. É verdade que as celebrações dos meus 50 anos como religioso hospitaleiro foram um acontecimento impressionante. Não pedi nada e fiquei comovido com a participação sincera das pessoas.”*



Busto do Ir. Adrián,
à entrada do Hospital
de São João Grande.

Quando lhe perguntaram se tinha presenciado algum milagre na sua vida, respondeu: *“Muitos milagres acontecem, nós é que não damos por eles. Um dia, quando saía da Câmara Municipal de Ceuta, um poste elétrico, do outro lado da rua, caiu e veio parar aos meus pés. Por pouco, teria ficado debaixo dele, mas não me aconteceu nada. Corri para a igreja, para agradecer a Deus, porque recomeçava a viver.”*

O Dr. Cosano, radiologista do Centro, convenceu-o a posar para ele, querendo esculpir um busto com a sua imagem para ser colocado à entrada da Casa que ele tanto amava: o Hospital de São João Grande.

No dia 9 de setembro de 2010, numa cerimónia íntima e recolhida, esse busto do Ir. Adrián foi inaugurado e, desde então, encontra-se à entrada do Hospital. A inauguração da obra contou com a presença do Superior provincial da Província Bética, Ir. Julián Sánchez Bravo. Embora o busto não inclua a inseparável bolsa preta que o acompanhava, reproduz o gorro que também era inseparável do Irmão Adrián e que caracterizava a figura.

Gaspar de Torrecera descreveu bem o Ir. Adrián num belo artigo, intitulado “Irmão Sol”, que foi publicado no jornal de Jerez, a 6 de agosto de 1991: *“É uma pessoa de baixa estatura, diligente, viva. O Ir. Adrián, veste sempre o hábito preto da Ordem de S. João de Deus e um gorro, no inverno, que contrasta com as imaculadas batas brancas dos seus Irmãos hospitaleiros. Todos os dias percorre os cantos mais díspares da cidade cumprindo uma importante missão: pedir esmolas para ajudar os muitos necessitados que o procuram, uma tarefa que este homem leva a cabo todos os dias, sem exceção, independentemente do calor, da chuva ou do frio, o que não raramente lhe tem causado graves problemas respiratórios. Nem a doença, nem os conselhos, nem mesmo as proibições do seu Prior conseguiram jamais fazê-lo desistir do seu empenhamento na caridade.”*

“A figura do Ir. Adrián fez-me estabelecer um paralelo com a história de um jovem que chegou a Jerez

em 1546, vindo de Carmona (Sevilha), que vendia tecidos na companhia do seu pai e que aqui ficou para sempre. Esse jovem de dezassete anos chamava-se João, embora o seu apelido fosse Grande, mas no seu coração era infinitamente mais, porque havia lá espaço para todos os que precisavam dele. Permaneceu em Jerez, cuidando dos presos, dos doentes e dos necessitados, fundando vários hospitais e vindo a fazer parte da Ordem de São João de Deus. Morreu de peste quando assistia os moribundos durante uma epidemia que assolou Jerez, em 1600". Na realidade, os continuadores da Obra de São João Grande permanecem fiéis à sua missão, cuidando com toda a ternura e afetos que passam por dificuldades na vida. E a lembrança daquele jovem de Carmona, cuja humildade o levou a mudar o sobrenome que tinha, Grande, para "Pecador", continuava viva em Jerez e sempre que o Ir. Adrián caminhava pelas suas ruas antigas.



Ir. Adrián, um ancião sempre em atividade.

CARTAS DO IRMÃO ADRIÁN

A correspondência com os benfeitores, familiares, Irmãos, amigos e simpatizantes é abundante e revela o seu espírito apostólico, o zelo evangélico, a preocupação pelas pessoas e o desejo de comunicar a bondade do seu coração e a sua fé em Deus. Os familiares contavam que *"a chegada de uma carta dele alegrava-nos a todos: passávamo-la de uns para os outros até que toda a família a tivesse lido"*. Todas elas refletiam a grandeza de uma alma imensamente feliz e realizada na sua missão.

Os benfeitores recebiam informações atempadas sobre os projetos, os programas e a atividade do hospital e do seu Serviço Social. Há cartas e respostas que mostram quem era este Irmão e quanto ele significasse na vida dessas pessoas, independentemente dos donativos que elas faziam. A algumas, ele oferecia poemas, que as comoviam. Um homem, que tinha sido operado no Sanatório quando ainda era criança e, depois de adulto, veio a permanecer no Centro, deixou sobre ele um longo testemunho escrito, que podemos resumir aqui: *"Quando o Ir. Adrián chegou ao Sanatório, fiquei muito impressionado, porque, ao falar com ele, sentia que era diferente dos outros. Quando, às segundas-feiras, percorria as aldeias a pedir esmolas, comia o que podia e descansava na própria carrinha. Procedia assim durante toda a semana, até sexta-feira. Às vezes, eu perguntava ao Servo de Deus, que era responsável pelo pavilhão das crianças, se queria ficar com elas aos sábados e domingos, e ele respondia sem-*

pre que sim, sorrindo, e nunca o ouvi queixar-se, nem ficar sério ou aborrecido. Durante os anos que estive em Jerez, nunca ouvi queixas contra ele; pelo contrário, era elogiado e amado por toda a gente. Sempre que eu ia a Jerez, a primeira coisa que fazia era ir ter com ele para lhe dar um abraço, pois era um verdadeiro santo... Quando se estava ao seu lado, sentia-se uma alegria interior que não se sentia com mais ninguém”

A QUEDA DO ESMOLEIRO

Um homem como o Ir. Adrián só podia aguentar fisicamente graças à sua intensa vida de oração que o levava a recolher-se antes de ir pedir esmolas, durante a hospitalidade e depois de cada ato comunitário de cada dia. Para o Ir. Adrián, a oração era a base de todas as suas atividades e era evidente que conduzia uma vida de total união com o Senhor. Parecia que cada momento da sua vida estivesse marcado pela presença de Deus. A oração do terço revelava a sua devoção mariana, terna e filial. Além disso, o Ir. Adrián também agradecia a Deus por ter superado alguns acidentes que sofreu e que passamos a referir.

Uma noite, caiu da cama e fraturou duas vértebras: apesar das dores e de não poder sequer acender a luz do quarto, conseguiu levantar-se, sentar-se e, depois, esperou pacientemente, até ao amanhecer, para não incomodar nem acordar ninguém.

Um inverno rigoroso provocou-lhe uma pneumonia, da qual teve dificuldade em recuperar. A

idade, que não poupa ninguém, as sequelas dessa doença e a referida queda accidental da cama contribuíram para que o Ir. Adrián não fosse mais o mesmo. Contudo, embora as doenças começassem a enfraquecê-lo, encontrava o modo de prosseguir a sua missão.

Desobedecendo, pois tinha sido aconselhado a não sair, e essa foi a única vez na sua vida que o fez, uma manhã, pouco antes do meio-dia, dirigiu-se a uns escritórios, em Jerez, para receber donativos avultados e, ao passar junto de um estaleiro de obras, tropeçou e caiu de forma traumática.

Cheio de dores, e ferido, gritou por socorro, mas a sua voz mal se ouvia. Ficou deitado no chão durante vários minutos, rezando e invocando São João de Deus e a Virgem Maria. Veio a ser socorrido por



O Ir. Adrián numa cadeira de rodas, após a queda.

algumas pessoas que estavam a sair dos escritórios. A queda tinha provocado a fratura da anca e do pulso: considerando a idade, isso não podia senão ter consequências graves. Foram necessários alguns meses até ficar recuperado, mas nada era como dantes, pois permanecia um certo grau de incapacidade causada pelo acidente; contudo, a sua magnanimidade e o seu entusiasmo, em vez de diminuir, pareciam aumentar.

Os tempos tinham mudado, as circunstâncias do momento aconselhavam a modificar a forma como o Irmão costumava ajudar todos aqueles que o procuravam, especialmente às sextas-feiras. Era preciso pensar em algo diferente, por mais revolucionário que pudesse parecer.

O desenvolvimento da Obra Social do Hospital de São João Grande foi crescendo e prosperando. Os pedidos a que se procurava dar resposta eram muitos e sempre urgentes: roupa, calçado, medicamentos, contas para pagar (faturas da luz e da água, rendas de casa, etc.), mas o Ir. Adrián desejava fazer muito mais do que isso.

O Ir. Guillermo García Rodríguez, Superior do Centro, teve uma ideia: talvez fosse uma quimera, mas... por que não tentar? Foram feitas as diligências necessárias para obter a colaboração de entidades e empresas, especialmente comerciantes, para a compra de alimentos, produtos para a nutrição de crianças, higiene pessoal e doméstica, enlatados, alimentos básicos como óleo e leite, a preços convenientes que permitissem a realização do projeto.

Tratava-se de uma primeira fase do Serviço de Economato Social em que se podia responder às

necessidades de algumas famílias com poucos recursos financeiros, depois de terem sido encaminhadas pelos serviços sociais do Centro e por outras entidades, nomeadamente as autarquias. As famílias carenciadas eram convidadas a participar com uma pequena contribuição. Foi assim fixado um limite máximo de compras por família, que pagava oito euros por um conjunto de produtos que podiam valer cinquenta. Este facto, entre outros, tornou a ajuda mais digna e dava às famílias a possibilidade de estabelecer a prioridade das suas necessidades.

INÍCIO DO ECONOMATO SOCIAL

O sonho tornou-se realidade. Num momento em que as forças do Ir. Adrián diminuían, foi possível abrir o Economato Social, que lhe foi dedicado.



O Ir. Adrián no Economato Social.

Inaugurado a 22 de setembro de 2011, a cerimônia contou não só com a presença do Superior provincial e do Diretor do Centro, Ir. Julián Sánchez e Ir. Guillermo García, respetivamente, mas também do Superior Geral da Ordem, Ir. Donatus Forkan, e da Presidente da Autarquia de Jerez.

O Ir. Adrián quase não podia acreditar na obra realizada: uma estrutura moderna, com pessoal a trabalhar em regime de voluntariado pleno e que cumpria pelo menos uma parte de seus objetivos, porque para o Ir. Adrián nunca era suficiente o que conseguia para os outros. As 130 famílias que começaram por recorrer ao Econmato Social aumentavam semana a semana.

O Servo de Deus precisava cada vez mais de ajuda, pois as suas condições físicas já não lhe permitiam viver uma vida comunitária regular. Por isso, juntou-se à comunidade dos religiosos idosos, necessitados de assistência e de cuidados acrescidos.

EM COMUNHÃO COM OS CONFRADES IDOSOS

“Depois de tantos anos de trabalho na Ordem, como médico colaborador – afirma o Dr. Alfonso Muñoz – o Senhor concedeu-me a honra e o privilégio de poder dar o meu pequeno contributo a estes religiosos em idade avançada, ajudando-os todas as manhãs a tomar o pequeno-almoço. E comentava: «Já se deram conta de que a esta mesa estão sentados mais de 500 anos de hospitalidade?»

Creio, com toda a sinceridade, que quando se contratou o pessoal assistencial que iria prestar assistência nesta abençoada Unidade 5, onde se encontravam religiosos em idade avançada, a seleção foi feita pessoalmente por S. João de Deus, com um pequeno incentivo por parte de S. João Grande; de facto, os religiosos eram assistidos por anjos do Senhor, com imenso carinho, como se cuidassem dos próprios pais ou avós.

Um dia, já muito velhinho e com poucas forças, mas ainda transbordando de alegria, o Ir. Adrián disse-me que queria conhecer o meu sobrinho, o meu primeiro sobrinho, Carlitos, e logicamente a minha esposa e eu acompanhámo-lo. Quando o Ir. Adrián o sentou ao colo, se o seu sorriso tivesse sido imortalizado numa fotografia, essa imagem teria ficado para a história. Infelizmente, naquele tempo eram raras as máquinas



O Servo de Deus, ocupado na leitura espiritual.

fotográficas e não havia telemóveis para captar momentos como esse... Contudo, a bênção do Servo de Deus acompanhará para sempre o Carlitos que, na altura, tinha apenas alguns meses de idade.

PELOS SEUS FRUTOS OS RECONHECEREIS

Ao sol ou debaixo de chuva, por caminhos pedregosos, carregando sacos às costas ou ajudando a transportar doentes, os Irmãos Esmoleiros sempre conquistaram o coração das pessoas das cidades a que eram destinados. No caso do Ir. Adrián del Cerro, a sua popularidade era tão grande na cidade de



O Ir. Adrián, preparado para o céu.

Jerez que aqueles que o conheciam bem aproveitavam todas as oportunidades para o ajudar.

A pequena chama da caridade apagou-se sem dar nas vistas, silenciosamente, a 8 de agosto de 2015, tinha o Ir. Adrián 92 anos de idade. Os seus restos mortais repousam no Santuário de São João Grande, aos pés da Virgem da Candelária, outro grande amor da sua vida. Nesse dia, para o povo de Jerez tinha morrido um santo.

Depois da Eucaristia das exéquias em que participou o mesmo coro que ele ajudara a fundar, os reli-



O Ir. Adrián no Santuário de São João Grande.

giosos prepararam o caixão para a sepultura no Santuário. Uma grande lápide, com o símbolo da Ordem, à esquerda, e um relevo do Servo de Deus, à direita, recorda-o desde então com este epitáfio: *“Quando dás, estás a semear, e não sabes o que vais colher; sentes que estás a semear pouco, mas Deus não se contenta em dar-te pouco: aceita o pouco para te dar muito”*.

Não podemos fazer eco de todos os agradecimentos e louvores dirigidos à humilde pessoa do Servo de Deus, o Ir. Adrián, que partiu para o céu deixando-nos o testemunho de uma forma concreta de viver o Evangelho da misericórdia, da esperança e da alegria no serviço. São muitos os títulos e expressões que recordam a figura humilde do Servo de Deus e que continuam a ecoar no coração de quem o conheceu: *“Teve uma vida intensa, inteiramente dedicada à caridade”*; *“Um exemplo de dedi-*



O funeral do Servo de Deus.

cação e fidelidade aos mais necessitados”; *“Deixa-nos um legado de fé e bondade”*; *“Foi o São João Grande do século XX”*; *“Protagonista de uma obra que tocou o coração de todos”*; *“Um anjo que cumpriu o seu desígnio até ao fim”*; *“Pelos caminhos da glória continuará a ajudar”*; *“Irmão Adrián, o nosso eterno caminhante”*.

Há alguns anos, Gabriel Álvarez escreveu, na imprensa: *“Continua assim, Irmão Adrián. Um dia, todos sentiremos orgulho por nos termos encontrado com um santo. Um dia, poderemos confirmar que houve pessoas que constataram a bondade na sua forma mais pura, que a descobriram nessa pessoa de baixa estatura que passou meio século a bater à porta de casas, herdades e boas famílias, pedindo e recolhendo o necessário para cuidar daqueles que, na sua miséria, foram ajudados pelo trabalho árduo deste homem de Toledo por nascimento, e de Jerez por adoção”*.



O sorriso afável do Ir. Adrián.

“Retirar-me-ei no dia em que morrer: só então poderei dizer que estou cansado,” respondeu o Servo de Deus a quem lhe perguntou quando iria retirar-se e reformar-se. Não temos dúvidas de que agora ele goza do descanso eterno na Casa do Pai.

Ninguém o poderá esquecer, muito menos nós, que vivemos com ele e pudemos apreciar a sua hospitalidade e santidade todos os dias da sua vida. A sua fama de santidade continua a espalhar-se e esperamos que um dia o Ir. Adrián possa ser reconhecido e proclamado pela Igreja como um modelo de vida evangélica a imitar. Acompanha-nos ainda hoje a lembrança inesquecível de um Irmão de São João de Deus a quem bastava dar amor e, por amor a Deus, dar a vida.



Túmulo do Servo de Deus.

ORAÇÃO DE INTERCESSÃO

Senhor Jesus, que passaste por este mundo fazendo o bem e curando todas as doenças, e que te aproximaste dos que sofriam levando-lhes a bênção e o conforto, concede-me que ajude os mais necessitados, que aprenda a aceitar a dor com amor e que continue a dar testemunho do teu coração misericordioso. Obrigado por teres dado ao mundo o Ir. Adrián, fiel seguidor de São João de Deus, que foi a Tua presença junto dos pobres e dos doentes, e concede-me, por sua intercessão, a graça que humildemente e com confiança Te peço... Amém. Pai Nosso, Ave Maria e Glória.

*Com aprovação eclesiástica
segundo os Decretos de Urbano VIII.*

Para comunicar graças recebidas:
Vice-postulador
Orden Hospitalaria de San Juan de Dios
Edifício San Juan de Dios
Herreros de Tejada, 3
28016 MADRID
Correio eletrónico: vicepostulador@sjd.es

ETAPAS DA VIDA DO IR. ADRIÁN DEL CERRO

1. Retamoso de la Jara.

Adrián del Cerro nasce a 2 de julho de 1923, em Retamoso de la Jara (Toledo). A sua mãe morre quando ele tem três anos e meio de idade, deixando ao seu pai cinco filhos que ele educa cristãmente. Aos 21 anos cumpre o serviço militar.

2. Ciempozuelos.

Em outubro de 1950, entra como postulante na Ordem Hospitaleira de São João de Deus, no Sanatório Psiquiátrico San José, em Ciempozuelos (Madrid), onde faz o Noviciado e emite a profissão simples e a solene.

3. Jerez de la Frontera.

Tem início nesta cidade o seu trabalho com as crianças doentes de poliomielite e tuberculose óssea e o serviço como Esmoleiro do Sanatório de "Santa Rosalía e do Beato João Grande". A sua incansável atividade de Esmoleiro estende-se a lugares tão distantes como Cádiz, Ceuta, Melilha, Marrocos e Huelva.

4. Madrid.

A sua nova missão na "Clínica Neuropsiquiátrica de Nossa Senhora da Paz" fá-lo regressar ao contacto com os doentes mentais; este era um novo centro desejado pelos Irmãos de São João de Deus.

5. Ciempozuelos.

Regressa a Ciempozuelos, como Vice-Superior. Durante três anos dá testemunho das suas boas qualidades, como a hospitalidade, a humildade e a simplicidade da sua dedicação.

6. Jerez (Cádiz).

Aceita prosseguir a sua missão de Esmoleiro do Hospital, que nunca abandona, e ao mesmo tempo completa os estudos de Enfermagem, dedicando-se inteiramente às pessoas mais pobres e necessitadas. A cidade, em reconhecimento pelo seu espírito de caridade, atribui-lhe a Medalha de Ouro de Jerez e uma das ruas da cidade recebe o seu nome. Desde 1962 até 2015 dedica-se inteiramente à angariação de esmolas, o que aumenta a sua fama de santidade e o seu esforço para ir além do impossível.

Cria o Economato Social que hoje ostenta o seu nome e prolonga a ajuda que ele dava às famílias vulneráveis.

Morre a 8 de agosto de 2015, com 92 anos de idade e 63 anos de profissão religiosa.

INDICE

Uma pequena aldeia de Toledo	3
Bondade dos seus pais	5
Uma Espanha em mudança	10
Entrada no Postulantado	12
Chegada a Jerez de la Frontera	15
O horizonte de África	19
Profissão solene	22
De novo em Jerez, para sempre	23
Procurado pelos pobres	26
Estudos de enfermagem.	28
Perguntas e respostas com encorajamento.	31
João Grande, santo	33
Bodas de Ouro de profissão	35
O eco dos seus 50 anos de profissão	38
Cartas do Ir. Adrián	41
A queda do Esmoleiro	42
Início do Economato Social	45
Em comunhão com os confrades idosos	46
Pelos seus frutos os reconheceréis.	48
Oração de intercessão	53
Etapas da vida do Ir. Adrián del Cerro.	54